

Expositor I

Nome:	Marcos Lobato Martins (coordenador)
Título do Trabalho Individual	O Jequitinhonha dos viajantes, séculos XIX e XX: olhares diversos sobre as relações sociedade-natureza no nordeste mineiro.

Resumo:

A riqueza mineral da bacia do Jequitinhonha, a sua importância no cenário mineiro e as grandes belezas naturais que ele possui atraíram, desde o Oitocentos, ampla curiosidade sobre seu território. Por isso, em diferentes épocas do período compreendido entre as primeiras décadas do século XIX e as décadas iniciais do século XX, viajantes estrangeiros e brasileiros percorreram trechos mais ou menos extensos do rio Jequitinhonha. Dessas viagens resultaram narrativas que abordam diversos aspectos do quadro regional – econômico, social e ambiental – encontrado por esses homens. Entre os que estiveram nas margens do Médio Jequitinhonha na primeira metade do século XIX, contam-se John Mawe, Johann Emanuel Pohl, Spix & Martius e Auguste de Saint-Hilaire. Um século depois, viajaram pelo mesmo trecho do rio cronistas como Leopoldo Pereira, J. Duarte, Eduardo Santos Maia e Frei Samuel Tetteroo.

Este trabalho pretende reler, a partir de uma mesma “chave de leitura”, as narrativas elaboradas pelos dois grupos de viajantes citados, cruzando as informações assim obtidas para gerar um quadro comparativo da situação ambiental no Médio Jequitinhonha no início do XIX e do XX. O objetivo é discernir e analisar, numa perspectiva qualitativa, as continuidades e mudanças no que se refere a dimensões como: 1) a condição das águas do rio ; 2) os usos da terra e dos recursos naturais nas áreas ribeirinhas; 3) as formas de degradação ambiental que pressionaram o espaço regional. Trata-se, portanto, de produzir inferências sobre direções e intensidades das mudanças nas paisagens ribeirinhas da porção média do Jequitinhonha no decurso do seu processo de abertura e integração ao espaço político-econômico do Sudeste brasileiro.

Expositor II

Nome:	Vanderlei Ferreira de Oliveira
Título do Trabalho Individual	Disponibilidade hídrica e desenvolvimento econômico na história recente da bacia do Jequitinhonha, MG.

Resumo:

A parte mineira da bacia do rio Jequitinhonha tem sido objeto de sucessivos estudos associados à implantação de ações orientadas para a superação do seu subdesenvolvimento. A água, um insumo vital à manutenção das atividades agrícolas e industriais, é indispensável ao processo de criação de um novo cenário econômico e sócio-ambiental na região, baseado numa economia justa, socialmente digna, politicamente participativa e integrada. Por isso, a água, sua disponibilidade e seu uso tornaram-se temas recorrentes das preocupações dos habitantes da região, que, desde fins do século XIX, denunciam e procuram entender as razões da “diminuição das águas” no nordeste mineiro. Nas áreas onde não flui a água, escorre um sofrimento contaminante, que não deveria provocar piedade, mas a reflexão. Lançando mão de dados fornecidos pela ANA (Agência Nacional das Águas), concernentes aos últimos 50 anos, este trabalho examina as tendências de mudanças na disponibilidade efetiva de água na bacia do Jequitinhonha, identifica externalidades produzidas pelas mudanças no uso da terra e analisa as explicações mais difundidas na região para as alterações dos padrões pluviométricos e das vazões dos rios e córregos, encontradas na literatura memorialística regional e na imprensa. Demonstra-se que, no período em tela, a bacia do Jequitinhonha experimentou situação que intriga seus habitantes: os totais anuais dos escoamentos hídricos e das chuvas indicam a redução da disponibilidade hídrica, ao mesmo tempo em que há clara tendência de aumento dos índices pluviométricos.

Expositor III

Nome:	James William Goodwin Junior
Título do Trabalho Individual	Uma cidade capinada e limpa: natureza e espaço urbano na imprensa de Diamantina, MG, 1884-1914

Resumo:

A cidade talvez seja o habitat característico da espécie humana. Entre as muitas questões suscitadas pelo urbano, está a relação da cidade com o ambiente natural. Artefato humano, a cidade ao mesmo tempo nega, transforma, sofre e dialoga com a natureza na qual se insere.

No período compreendido pela segunda metade do século XIX e primeira do século XX, um conjunto de preceitos e idéias sobre o espaço urbano difundiu-se entre os países englobados pelo processo de expansão capitalista. Sob o mote do “progresso”, a cidade se tornaria um sinal visível de civilização, a representação concreta da modernidade industrial – mesmo onde esta não estivesse implementada. Entre os grupos sociais que assumiram a tarefa de construir tal cidade, os homens de imprensa desempenharam importante papel, ensinando os novos valores, denunciando as falhas e desvios do processo – quer das autoridades, quer da população. A cidade civilizada seria limpa, higiênica, um espaço da transformação do mundo natural pelo trabalho humano, moldando-o aos valores burgueses. A cidade subjugaria a natureza, domesticada em jardins e arborização, no abastecimento de água, na canalização de chuvas e esgotos.

Em Diamantina, MG, os homens de imprensa publicaram artigos sobre higiene, comportamento, reformas urbanas. Mas as características do antigo Arraial do Tijuco inviabilizavam uma cidade limpa e capinada: as mulas dos tropeiros que abasteciam a cidade, as doenças sazonais, a economia doméstica e suas práticas tradicionais, as chuvas e enchentes, a água e os esgotos; a natureza oferecia fortes obstáculos ao projeto de transformar a cidade numa vitrine do “progresso humano”.

Este trabalho pretende caracterizar o discurso urbano dos homens de imprensa diamantinos; elencar os principais problemas por eles denunciados, na relação entre o espaço urbano e as manifestações da natureza; e analisar os elementos de tensão e exclusão social presentes nesse modo de pensar a presença humana no mundo.